



EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A IMPORTÂNCIA DO(A) PEDAGOGO(A) NA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL (CAPS)

Fliúdas Chaves da Silva ¹ Orientadora: Amanda Nunes Pereira Santos ²
Universidade Federal da Paraíba ¹²

RESUMO: Este trabalho partiu da necessidade de entender como a pedagogia poderia estar contribuindo no processo de inclusão social através da educação inclusiva em instituições de educação não formal que atendem pessoas com necessidades especiais. E tendo como objetivo essa compreensão fomos em busca de respostas para esse trabalho pudesse ser realizado. A pesquisa foi desenvolvida na instituição Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) situada na cidade de Solânea – PB. Para tanto frequentamos a mesma por alguns dias e pudemos então vivenciar como a pedagoga trabalhava e aplicava seus métodos pedagógicos proporcionando conscientização, promovendo a inclusão social e a educação nos usuário que frequentam a respectiva instituição. Após visitas diárias, interagindo com os usuários, participando das atividades, e fazendo um levantamento bibliográfico respaldado em alguns teóricos tais como: Campos (2011); Ghenem E Trilla (2008); Luria, Leontiev E Vygotsky (2005); Freitas (2008), e na Lei N° 7.853, De 24 De Outubro De 1989; e no Decreto N° 3.298, De 20 De Dezembro De 1999, conseguimos alcançar meu objetivo. Fizemos uso da pesquisa qualitativa e tivemos como instrumentos de coletas de dados a observação, diário de campo, entrevistas semi estruturadas com a pedagoga e com os usuários da instituição.

Palavra Chave: CAPS. Pedagoga. Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é compreender como a pedagoga lida com pessoas que tem necessidades especiais, partindo de análises resultantes de um período em que passei realizando um estágio na instituição CAPS. Nela tive oportunidade de observar, interagir e conhecer um pouco da realidade ali vivenciadas pelos usuários.

O trabalho foi desenvolvido na instituição, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) situada na cidade de Solânea, PB. Na respectiva instituição fiz as primeiras cinco visitas apenas observando o dia a dia dos usuários e interagindo com eles em suas atividades diversas com a finalidade de entender como ocorria o trabalho da pedagoga e quais métodos ela utilizava para promover a educação inclusiva aos usuários participantes da oficina pedagógica e da instituição.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSAUFPB). Email: fliudas3@hotmail.com

² Professora Substituta da Universidade Federal da Paraíba, Pós graduada em Psicopedagogia Institucional em Gênero e Diversidade na Escola. E-mail: amandanunes-1@hotmail.com.

Entender que os profissionais devem estar capacitados para atender a demanda da inclusão social no espaço de educação não formal, e estando assim hábeis para educar e proporcionar a inclusão dessas pessoas com necessidades especiais.

A educação não formal da respectiva instituição é um processo que tem como finalidade promover o desenvolvimento de pessoas portadoras de necessidades especiais visando proporcionar suas potencialidades seja na área educacional, seja na área social.

A educação especial trabalhada na instituição CAPS onde foi feito a pesquisa para este trabalho tem a finalidade de educar os usuários para que estes se sintam membros da sociedade em que eles vivem, e está educação também oferece aos usuários formas dos mesmos estarem aprendendo a ler e escrever se assim eles quiserem. Nesse sentido o papel da pedagoga é o de fazer com que haja uma melhor assimilação, melhor interação e principalmente uma melhor compreensão da importância da escrita e da leitura. Mas para isso a pedagoga precisa sistematizar sua forma de ensino para que os usuários sintam interesse em participar do processo educacional.

Como o estágio para a pesquisa foi no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), nele tive a oportunidade de observar como é a realidade dos usuários e usuárias, seus medos, suas alegrias, suas potencialidades, suas criatividade, seus modos de serem e de agirem. E para entender a importância da instituição (CAPS) procurei saber sua origem e sua finalidade e obtive a seguinte informação

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) surgiu em São Paulo, no ano de 1987. Com recursos federais e de caráter público, esse novo serviço veio atender a demanda de atendimentos em saúde mental, tendo recebido o nome, a princípio, de Centro de Atenção Psicossocial Luiz da Rocha Cerqueira, com a sigla CAPS, que foi seguida posteriormente em todo o país pelos próprios usuários do serviço. O centro tornou-se um modelo institucional para os demais CAPS brasileiros (GOLDBERG, apud PITTA, 1996).

De posse dessa informação procurei ainda saber quais leis regiam os direitos das pessoas com necessidades especiais. A Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989. Especifica em seu Art. 1º Ficam estabelecidas normas gerais que asseguram o pleno exercício dos direitos individuais e sociais das pessoas portadoras de deficiências, e sua efetiva integração social, nos termos desta Lei.

Esta respectiva lei dá continuidade de direitos as pessoas com necessidades especiais quando estas precisam de assistência á saúde. E como este quesito é de fundamental importância a Lei nº 7.853/89 em seu Art. 2º II - na área da saúde, específica que:

e) a garantia de atendimento domiciliar de saúde ao deficiente grave não internado;

f) o desenvolvimento de programas de saúde voltados para as pessoas portadoras de deficiência, desenvolvidos com a participação da sociedade e que lhes ensejem a integração social;

É respaldada nesta lei que surge os CAPS, que a cada dia mais recebem pacientes para fazerem uso dos seus serviços.

METODOLOGIA

Esta pesquisa veicula-se a uma perspectiva de abordagem qualitativa. De acordo com (TEIXEIRA, 2009, p.137) “Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação”. A escolha por este tipo de abordagem se deu por ser uma pesquisa que visa a interpretação dos dados obtidos, através do relato da experiência da autora em seu estagio supervisionado desenvolvido no CAPS.

Para coleta de dados dividi a pesquisa em duas etapas, na primeira etapa fiz uso da observação que para (SEVERINO, 2007, p. 125), “É todo procedimento que permite ter acesso aos fenômenos estudados... É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa”. Na segunda etapa fiz a observação e da entrevista não diretiva que por meio dela, colhi informações acerca dos sujeitos a partir do seu discurso espontâneo, não direcionados. Os sujeitos da pesquisa foram a pedagoga do CAPS e os usuários.

RELATO DA EXPERIÊNCIA NO CAPS E DIALOGO COM A TEÓRIA.

Ao iniciar meu trabalho de pesquisa para a construção deste artigo procurei a instituição CAPS para entrevistar a pedagoga que lá trabalha. Levei um roteiro de perguntas pré estabelecido e um gravador. Fiz cinco visitas para observar o dia a dia dos usuários bem como participei de algumas atividades de interação durante este período tais como: desenhar em folha de papel para alguns usuário, pintar junto com eles, levei argila para que eles produzissem objetos artesanais,



brincadeira de quebra panela, dinâmica com balões, bingo e construção de personagens com massinha de modelar. Essa interação foi feita com um maior número de usuários que frequentam a oficina pedagógica, a pedagoga, dois auxiliares da oficina pedagógica e eu.

A entrevista feita com a pedagoga foi para saber qual era a importância de sua atuação na educação inclusiva, pois precisava entender porque existia uma pedagoga em uma instituição que trabalha com pessoas com necessidades especiais, sendo a maioria dos usuários (as) pessoas com necessidades especiais psiquiátricas.

A pedagoga me disse que “sua importância seria de entrar na questão pessoal dos usuários, através de atividades consegue detectar quando o usuário está calmo, através de um recorte, de uma pintura, de uma colagem, de uma roda de conversa, de uma música, a pedagoga consegue perceber se o usuário está bem com seu tratamento ou se ele precisa de outro profissional para saber se a medicação dele está sendo bem administrada. Então a pedagoga tem grande importância sendo um elo entre o usuário e outro profissional como um psiquiatra ou um psicólogo (a). Como a pedagoga está em contato direto com o usuário, ela consegue detectar isso”.

Desta forma entendo que trabalhar com pessoas com necessidades especiais requer um cuidado especial, logo, o pedagogo precisa estar preparado para receber seus usuários, lidar com suas especificidades, proporcionando a eles/elas diversidades pedagógicas, motivando-os a gostarem da arte de aprender, de compartilhar e de interagir. Deve-se explorar seus potencialidades observando a particularidade de cada indivíduo, assim, o pedagogo (a) poderá adotar métodos e atividades que proporcione satisfação em cada sujeito envolvido para que a educação especial tenha sucesso no ambiente onde esta sendo ministrada.

Desta forma é possível compreender melhor a resposta da pedagoga quando ela afirma a importância da pedagogia para trabalhar com os usuários, pois ao desenvolver seu trabalho de forma dinâmica e prestativa ela está contribuindo com o que está escrito no DECRETO Nº 3.298, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1999 que determina:

Art. 5º I - desenvolvimento de ação conjunta do Estado e da sociedade civil, de modo a assegurar a plena integração da pessoa portadora de deficiência no contexto sócio-econômico e cultural;





III - respeito às pessoas portadoras de deficiência, que devem receber igualdade de oportunidades na sociedade por reconhecimento dos direitos que lhes são assegurados, sem privilégios ou paternalismos.

Art. 7º I - o acesso, o ingresso e a permanência da pessoa portadora de deficiência em todos os serviços oferecidos à comunidade;

Após analisar a resposta da pedagoga e me fundamentar no decreto acima citado percebo a importância da pedagogia como veículo mediador entre os usuários, os profissionais da saúde e a sociedade, entendendo que a pedagogia vai além do ensinar conteúdos. Compreendo que ser pedagogo é também proporcionar interação, desenvolvimento afetivo, valores, convivência e ter sempre um olhar de sensibilidade, ser capaz de observar, analisar e procurar solucionar as dificuldades dos membros envolvidos em seu campo de conhecimento. É pois uma ciência que se une com o senso comum e assim faço ligação com a citação abaixo que diz:

O termo pedagogia fica, assim, reservado a teoria que visa dirigir a atividade de quem educa. Seria a reação sistemática da teoria da educação sobre a atividade educacional, extraído da psicologia e da sociologia princípios para a prática ou a reforma da educação. (GHENEM e TRILLA, p.105,2008).

Ou seja a pedagogia quando bem trabalhada contribui com outras ciências para oferecer o melhor aos usuários do CAPS.

Continuando com minhas indagações, perguntei quais métodos a pedagoga utiliza para proporcionar um bom convívio entre os usuários e os funcionários da instituição e como esses métodos contribuem para que eles se sintam parte da sociedade em que vivem.

Sua resposta foi que, “utiliza conversas, diálogos, interação, conhecendo o outro, aceitando o outro como amigo, fazendo dinâmicas em grupo, com abraços entre todos, com a prática de todos darem bom dia um ao outro, aprendendo a respeitar, porque todo mundo é igual, e fazendo-os entender que ninguém é melhor que ninguém. As vezes fazemos reuniões com os familiares, outros vem sem ser nas reuniões, vem saber dos seus entes. Então existe esse diálogo entre a família, o CAPS e o paciente. A gente tem esse cuidado de fazer com que eles se sintam normais em sua vida na sociedade. Com a afirmação da pedagoga (FREITAS, p.13,2008) nos diz que, “É na educação

que se deve aprender, não por palestras, mas por práticas e por vivências, que só é possível a igualdade de oportunidade se houver diferença de tratamento”.

Sendo assim as diversas formas de ensino de valores e convivência, utilizada pela pedagoga para promover a interação e conscientização dos usuários e todos que estão envolvidos com os mesmos é um caminho promissor de inserção social e (FREITAS, p.14, 2008) afirma que “Precisamos, pois, trabalhar para promover esta diferença de tratamento de uma forma inclusiva, eficaz e ética”. Com essa explicação passo a compreender que a interação entre os usuários é essencial para o desenvolvimento do indivíduo e quando a pedagoga propõe em sua metodologia atitudes e atividades que propiciem isso, ela está despertando nos usuários a consciência de ser parte de um grupo chamado sociedade, tornando mais fácil o seu desenvolvimento com sujeito social.

Dando continuidade a meus questionamentos, perguntei a pedagoga, como a pedagogia poderia contribuir de forma positiva para solucionar as dificuldades do dia a dia ocasionadas pelos usuários e se há um planejamento pedagógico para solucionar essas ocorrências.

Segundo a pedagoga “a pedagogia é usada de uma forma positiva, porque temos usuários idosos que aprenderam a escrever o nome aqui, então a pedagogia ajuda muito, outros se acalmam através da pintura, adoram vir para cá, ficam a tarde toda pintando. A gente faz o planejamento em cima do material que temos, a gente utiliza muito recorte e colagem, pintura e nos momentos de descontração usamos músicas, dinâmicas, bingo, dança. O planejamento é feito em cima disso, da realidade do que temos e do que podemos trabalhar, os que querem aprender o primeiro nome a gente ta ensinando e conscientizando que todos somos normais em nossas diferenças.

A utilização do conhecimento adquirido conduz a uma reflexão mais completa e precisa sobre os aspectos essenciais do fenômeno estudado. Juntamente com um capital cada vez maior de conhecimento adquirido desenvolve-se um crescente potencial de pensamento, de assimilação de cognições novas dentro daqueles sistemas de conhecimentos adquiridos anteriormente que constituem a “experiência precedente”. (LURIA, LEONTIEV e VYGOTSKY, p. 45-46,2005).

Ou seja ao ensinar a escreverem seus nomes a pedagoga está propiciando aos usuários demonstrarem suas capacidades cognitivas e reflexivas, desta forma eles se sentem felizes com esta conquista e estimulados a escreverem mais coisas além de seus nomes, como foi o caso de um usuários que além de escrever seus nomes também aprenderam as letras do alfabeto



Com esta informação podemos entender que, quando a pedagoga propõe atividades através de oficinas, ou quando incentiva os usuários a escreverem seus nomes ela está aguçando a capacidade de desenvolvimento cognitivo de cada um e conseqüentemente estará proporcionando aprendizagem e autonomia intelectual mesmo que reduzida pois alguns autores nos dizem que:

A capacidade é indispensável para a interação da pessoa com o conteúdo presente. Potencialmente a capacidade está presente em todas as pessoas, cabe ao mediador verificar a capacidade naquele momento e buscar meios ou instrumentos de mediação que contribuam para seu desenvolvimento, (DÍAZ, BORDAS, GALVÃO e MIRANDA, p.241, 2009).

Há também na instituição oficinas pedagógicas que conta com o apoio dos funcionários, quando os mesmos se dispõem a ensinar os usuários a participarem de projetos como horta suspensa, e atividades como pintura, ouvindo música, seção de cinema com os usuários, com pipocas, todos bem comportados e focados no filme. São através dessas atividades que os usuários fazem com a pedagoga e com ajuda de outros funcionários da instituição e a participação de palestras em grupo, que a psicóloga tem noção do estado emocional dos usuários.

Eles assinam uma freqüência diária e está contem nome, idade, e período que os usuários freqüentam, e os usuários que não sabem assinar o nome põem a digital. A pedagoga tem um caderno diário que contém dados tais como: datas dos aniversariantes, quem precisa ser pego em casa, quem participa diariamente das atividades.

Para os usuários que por algum motivo não freqüentam diariamente o CAPS as visitas são feitas a domicílio para que os mesmos não fiquem sem atendimento. Em minha observação pude perceber que a todo instante a pedagoga está observando os usuários atenta a qualquer solicitação dos mesmos e com essas atitudes e ações ela está contribuindo para o processo de aprendizagem e participação social dos usuários.

Nessa perspectiva a pedagoga está tomando providências para que os usuários estejam amparados de amor, carinho, respeito, e receptivos de direito como sujeito social e humano. E assim Campos aponta que:





A aprendizagem apreciativa compreende atitudes e valores sociais, traduzidos por gostos, preferências, simpatias, costumes, crenças, hábitos e idéias de ação, que constituem os princípios mais gerais de conduta humana. Sem emoções, sentimentos, valores e idéias, a vida não teria sentido. (CAMPOS, p.69, 2011).

Nesse sentido a pedagoga e a instituição oferecem aos usuários uma rotina que propicia uma convivência prazerosa onde os mesmos além de participarem das diversas atividades propostas pela pedagoga ainda fazem passeios para lugares como cinema, praia, jardim zoológico, comemoram festas juninas, aniversários, atendimento psicológico, psiquiátrico, assistência social, tomam café, almoçam e jantam na instituição, ou seja eles se sentem em casa e para eles a pedagoga é como sua “mãe”, pois assim alguns a chamam e com isso posso entender que a pedagoga não é apenas parte integrante de um processo de educação inclusiva, ela é também a pessoa que desperta sentimentos e valores nos usuário .

Pude também observar que os usuários quando estão se sentindo agitados ou tristes eles pintam de qualquer jeito e com uma única cor, em sua maioria com uma cor escura. A pedagoga ao presenciar esse tipo de atitude procura imediatamente interagir com ele/ela(s) pondo musica, que sabe de antemão ser um bom divertimento e distração para eles, ela conversa sobre assuntos diversos até sentir que ele/ela(s) estão melhorando seu estado emocional. E nessa perspectiva (CAMPOS, p.62, 2008) nos diz que “assim, pensar em inclusão envolve pensar, entre muitos outros aspectos, em concepções diferenciadas de ensino, em capacitação docente, em valores humanos e culturais, mas também em atitudes e sentimentos”. Ou seja, não basta apenas ensinar a escrever, ou a praticar atividades lúdicas com os usuários é preciso interagir com eles, compartilhar conversas, demonstrar carinho, paciência, conscientizá-los da importância que eles tem como sujeitos sociais e que são parte integrante da sociedade em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após conviver com os usuários por alguns dias interagindo com eles, conversando, pintando, produzindo artesanatos entre outras atividades pude compreender como eles são pessoas capazes, inteligentes e perspicazes, mas também são carentes de amor e compreensão. Por isso é tão importante a participação da pedagoga na vida deles, pois ela ao proporcionar a eles todas as

atividades, atitudes e compromisso com os mesmos está demonstrando o quanto eles são importantes como pessoas.

Sendo assim, não importa em qual educação o sujeito está atuando, o pedagogo será sempre o mediador que facilitará o processo de aprendizagem e conseqüentemente de inclusão. Com isso este trabalho me forneceu uma visão mais ampla do que seria a educação inclusiva e, me mostrou qual seu papel na formação do aprendiz. Ressaltando que sem a colaboração dos sujeitos de nossa pesquisa este trabalho não seria possível, neste sentido agradeço as mesmas por terem me permitidos conhecer um pouco do seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. 39.Ed, Petrópolis, Vozes, 2011.

DECRETO Nº 3.298, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1999

DÍAZ, Félix, BORDAS Miguel, GALVÃO, Nelma, MIRANDA, Terezinha (Organizadores). **Educação Inclusiva, Deficiência e Contexto Social: questões Contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo, FUZARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Arte na educação escolar**- 4.ed- São Paulo: Cortez, 2010.

FREITAS, Soraia Napoleão. **Tendências contemporâneas de inclusão**- Santa Maria: ed.UFSM, 2008

GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume. Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos/ Juame Trilla, Elie Ghanem. Valéria Morim Arantes, (Org.)- São Paulo: summus, 2008

LEI Nº 7.853, DE 24 DE OUTUBRO DE 1989

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas**, 5º ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TEXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.